

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR  
LITORAL

ROSÉLIS ALVES DE OLIVEIRA BRAGA

**O ENSINO DA LÍNGUA PADRÃO X O DIALETO  
CAIPIRA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

PINHALÃO  
2014

ROSÉLIS ALVES DE OLIVEIRA BRAGA

**O ENSINO DA LÍNGUA PADRÃO X O DIALETO  
CAIPIRA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Trabalho apresentado como requisito parcial para  
obtenção da certificação ao curso de  
Especialização em Educação do Campo, Setor  
Litoral da Universidade Federal do Paraná.

ORIENTADORA: Elisiane Vitória Tiepolo

PINHALÃO  
2014

BRAGA, Rosélis Alves de Oliveira. **O ENSINO DA LÍNGUA PADRÃO X O DIALETO CAIPIRA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO**. Trabalho apresentado ao curso de Educação do Campo, Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista. 2014.

## RESUMO

O ensino da língua portuguesa na educação do campo está caracterizada pelo desafio de ensinar e aprender a norma culta da língua contraposta ao dialeto caipira, variação linguística que acerca os alunos residentes no espaço rural. Mediante a execução de uma pesquisa para a identificação desta variante, foram coletadas informações de pessoas de várias idades e graus de escolaridade, residentes no campo. Esta entrevista viabilizou a constatação da existência do dialeto caipira, através da percepção de ocorrências fonéticas na pronúncia de um grupo de palavras, ocorrências essas, que diferem da língua padrão, mas que são merecedoras do reconhecimento de que fazem parte de uma maneira particular de comunicação dos sujeitos de uma localidade.

**Palavras-chave:** Educação do Campo; Língua Padrão; Dialeto Caipira.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>04</b>
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>05</b>
<b>3. METODOLOGIA .....</b>	<b>08</b>
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>11</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Ao longo da história brasileira, ao homem do campo foram atribuídas as características de pessoa carente, pobre, sem cultura e sem identidade. Recentemente foi lançado um novo olhar a esses sujeitos que residem no espaço rural. Este novo olhar se deu através dos movimentos sociais que trouxeram para o contexto nacional os problemas emergentes do campo, caracterizando-se como uma dívida histórica do país para com essa população.

Reconheceu-se, enfim, que esses sujeitos têm o direito a uma educação diferenciada dos moldes da educação do meio urbano. Essas diferenças devem compreender suas necessidades culturais, direitos sociais e a formação integral desses indivíduos, devendo assim, oferecer aos educandos do campo uma educação de qualidade, visando seu modo de viver, pensar e produzir.

Partindo deste princípio, no que diz respeito à língua portuguesa na educação do campo, instala-se o conflito entre aprender a norma culta da língua sem desvalorizar o dialeto social que o aprendiz domina de acordo com sua origem sociocultural.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma análise das ocorrências fonéticas do falar caipira, trazendo uma reflexão sobre a sua existência, sua aceitabilidade reconhecida como variação linguística e também o preconceito linguístico que recai sobre os seus falantes.

Para a organização deste trabalho, adotaram-se os seguintes procedimentos: inicialmente, foi feita uma reflexão sobre a existência do dialeto caipira no espaço em que vive o aluno do campo bem como a origem dessa variante; a seguir realizou-se uma pesquisa de campo com o intuito de registros de ocorrências fonéticas em palavras proferidas por pessoas residentes na zona rural e por último, foram apresentadas as considerações finais a respeito da valorização da maneira particular de comunicação que têm os moradores do campo.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O preconceito existente de que o homem do campo é atrasado, tem suas origens no Brasil Colonial e Imperial. Este conceito se solidificou quando um grande contingente de pessoas, moradoras no espaço rural buscou nas cidades os ideários do novo, de um futuro promissor e das melhores condições de vida, deixando no campo a rusticidade, inocência e simplicidade.

Dentro deste contexto, bastava àqueles que ficavam no espaço campesino, uma educação de caráter compensatório, ou seja, educação restrita, descontextualizada da vida destes sujeitos. Tocava a eles uma educação precária e limitada. Precisavam apenas de conhecimentos básicos e nada de complexidades que os levassem a desenvolver sua capacidade intelectual.

Por questões geográficas, a educação do campo foi bastante desprestigiada ao longo dos anos, fomentando a ideia de que a educação urbana é que formava o verdadeiro cidadão. A afirmação seguinte exemplifica isso:

Consequentemente, constrói-se no meio rural uma lógica de que a educação oferecida na cidade tem uma qualidade superior. E essa situação é reforçada pela falta de níveis escolares no campo, ou seja, normalmente a ele oferta-se apenas o Ensino Fundamental. Atrelada a isso, existe toda uma construção de estereótipos no campo, em que o rural passa a ser, dentro do processo histórico, sinônimo de atraso (GHEDINI, 2013, p.15)

No tocante ao ensino da língua portuguesa, coube às populações estudantis metropolitanas e de acesso privilegiado, a assimilação da língua dominante, ou seja, da norma culta, enquanto que na educação do campo, não havia a preocupação de que seus falantes aperfeiçoassem seus discursos.

Em consequência a esse fator, o dialeto caipira sobreviveu nas áreas rurais. Atualmente, embora de forma reduzida, podemos ainda encontrar pessoas que se apropriam dessa variação linguística. Conforme afirma Amadeu Amaral:

Hoje, ele acha-se encantado em pequenas localidades que não acompanharam de perto o movimento geral do progresso e subsiste fora daí, na boca das pessoas idosas, indelevelmente influenciadas pela antiga educação. Entretanto, certos remanescentes do seu predomínio de outrora

ainda flutuam na linguagem corrente de todo o Estado, em luta com outras tendências, criadas pelas novas condições (Amaral, 1981, p.42)

Sabemos que atualmente, o homem do campo vem assimilando práticas sociais, econômicas, políticas e culturais ditadas globalmente e também adotando novos padrões de comportamento, valores e costumes impostos pela cultura urbanizada.

Mesmo percebendo estas mudanças de maneira explícita, temos que considerar que o dialeto caipira ainda sobrevive no espaço rural, e é perceptível principalmente nos falantes idosos que mantêm viva essa variante em muitos lares.

Por meio de laços familiares, alunos da educação do campo, trazem para a escola resquícios deste falar, gerando um conflito para a aceitação de tais ocorrências dialéticas que diferem e se contrapõem à norma padrão, cultuada como única e correta. E é por meio desse processo, que o preconceito linguístico se solidifica, tornando esses sujeitos marginalizados e desprovidos de suas verdadeiras identidades como bem contextualiza Marcos Bagno:

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicadas nas gramáticas e catalogada nos dicionários (BAGNO, 2013, p. 56)

As regras gramaticais contidas nos livros que estudamos são vistas como leis a serem cumpridas. Todo aquele que não cumpre as leis é julgado e condenado ao preconceito linguístico.

Certamente a língua tem a função de integração social e não o distanciamento dos sujeitos que a utilizam. Não se pode esquecer que a nossa língua é rica em diversidade regional e peculiaridades.

Ao ensinar a norma culta da língua sem desvalorizar a forma característica de comunicação do aluno do campo, primeiramente temos que nos desamarrar da tirania da gramática normativa, deixando as circunstâncias favoráveis para que as variações linguísticas venham fazer parte das nossas reflexões e investigações sobre o estudo da língua. Devemos também mostrar a esse aluno que temos que conhecer a norma culta da língua, sim, pois haverá situações que viveremos que teremos que compreendê-las. Finalmente temos que levar nosso aluno a reconhecer

que assim como outras ciências mudam, evoluem, a língua também passa por esse processo. O que hoje é um erro na linguagem, futuramente será uma expressão de uso correto ou ao contrário, as formas corretas de hoje serão desprovidas de aceitação no futuro pelos seus falantes.

### 3. METODOLOGIA

De acordo com a metodologia proposta neste artigo, foram desenvolvidas as seguintes ações:

- Com o uso de *datashow*, foi exposta aos alunos do 8º ano A e 8º ano B, a história em quadrinhos do personagem Chico Bento, intitulada como: “Chico Bento em Lição de casa”, do cartunista Maurício de Sousa.
- Após a leitura da história em quadrinhos, realizou-se uma conversação entre a professora e alunos sobre conhecimentos a respeito do personagem Chico Bento, atribuindo-lhe características como personagem lúdica e representante do sujeito caipira.
- Em seguida partiu-se para a análise da linguagem verbal contida na história em quadrinhos. Neste momento foi feito um levantamento das palavras que mais chamaram a atenção dos alunos e, logo após, uma discussão sobre a grafia dessas palavras; em sequência, discutiu-se sobre os possíveis motivos que levaram tal forma escrita. Para finalizar, realizou-se uma reescrita das palavras que apresentavam irregularidades ortográficas empregando as correções gramaticais da norma culta.
- De acordo com as atividades acima já realizadas em sala de aula, o assunto do ensino da língua padrão e uso do dialeto caipira na educação do campo, já estava contextualizado, cabendo à professora, levar os alunos a refletirem sobre a questão de reconhecer a importância de aprender o uso da norma culta da língua sem desvalorizar a variante linguística que os cercam.
- Para maior compreensão dos alunos a respeito do dialeto caipira, foi feito uma explanação sobre sua origem, sua aceitabilidade como variação linguística, e também o preconceito linguístico, como consequência do seu uso.
- Diante da afirmação de que o dialeto caipira sobrevive nas regiões rurais e é característico das pessoas mais idosas, foi proposta aos alunos uma pesquisa de campo para a verificação de tal fato.
- Através da mediação da professora, os alunos elaboraram um formulário para a realização da pesquisa. Tal questionário caracterizou-se com

identificação do entrevistado, idade, endereço, ano de escolaridade e nome do entrevistador e contendo 20 (vinte) perguntas de fácil compreensão que exigiam respostas curtas do entrevistado. Os registros das palavras foram feitos tal qual o entrevistado as pronunciava. Por exemplo: Qual é o numeral que vem depois do nove? (deis). Que nome damos ao produto que se usa para pintar as unhas? (ismarti).

- Após a realização da pesquisa, promoveu-se um debate sobre as ocorrências fonéticas coletadas. As discussões neste debate viabilizaram o reconhecimento, por parte dos alunos, de que a variação linguística existente no espaço rural, não é somente um jeito de falar, mas também é a expressão cultural de um povo e que essa expressão deve ser valorizada.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O propósito deste trabalho foi o de apresentar uma prática didática de como podemos trabalhar com o ensino e aprendizagem da língua portuguesa na educação do campo, fazendo com que o aluno se aproprie da norma culta da língua sem desprestigiar a variante predominante no espaço campesino que é o dialeto caipira.

As entrevistas foram feitas pelos alunos do 8º “A” e “B” com pessoas residentes no espaço rural, na faixa etária entre 30 (trinta) anos a 80 (oitenta) anos, algumas com nível de escolaridade de Ensino Médio, outras com Ensino Fundamental completo e incompleto e outras que nunca frequentaram bancos escolares. As respostas foram satisfatórias, atendendo o objetivo de verificar a existência do dialeto caipira no espaço rural, revelando que a maioria dos entrevistados fazem uso dessa variação linguística que está adequadamente contextualizada ao meio em que vivem.

A metodologia adotada permitiu a ampliação de conhecimentos sobre a língua portuguesa e sobre as suas diversidades linguísticas. Com a entrevista realizada, os alunos puderam concluir que o dialeto caipira é bastante vivenciado nas localidades rurais. Verificaram que a ocorrência desta variação está contextualizada ao meio e à cultura destes sujeitos.

A partir de todos os conhecimentos que adquiriram, puderam argumentar a respeito do preconceito linguístico que recai sobre as pessoas que utilizam maneiras de comunicação que divergem daquela imposta pela escola. Isso permitiu que concluíssem que entre as diversidades da língua há aquelas de maior e menor prestígio e que o verdadeiro cidadão deve conhecê-las, respeitá-las e valorizá-las.

Entretanto, este trabalho não pode ser considerado como uma ação conclusiva, mas como um instrumento de reflexão, pois todas as variações linguísticas têm o seu valor, depende do contexto em que ela está inserida.

## REFERÊNCIAS

**AMARAL**, Amadeu. *O dialeto caipira: gramática e vocabulário*. 4. ed. São Paulo; / Brasília: Hucitec, 1981.

**ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C.** *Por uma educação do campo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

**BAGNO**, Marcos. *Preconceito linguístico – o que é, e como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

**BRASIL.** *Lei de diretrizes e bases da educação nacional* (Lei nº 9.394). Brasília, DF: 1996.

**GHEDINI, M. C.; CESAR, M.; FAGUNDES, V; HOELLER, S. C.** *Um processo inovador na educação do campo: alguns olhares*. UFPR Litoral, Setor Litoral: 2013.

**PARANÁ.** *Educação do Campo*. Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná. Secretaria de Estado da Educação SEED. Curitiba: 2006.